TL5086

DELEGAÇÃO DA FRETILIN EM SERVIÇO NO EXTERIOR
(D. F. S. E.)

INTERVENÇÃO

DE

JOSÉ RAMOS-HORTA

SECRETÁRIO PARA RELAÇÕES INTERNACIONAIS

& INFORMAÇÃO

NA

CONFERÊNCIA MINISTERIAL PREPARATÓRIA

DA

VII CIMEIRA

DOS

CHEFES DE ESTADO DE ANGOLA, CABO VERDE, GUINÉ-BISSAU, MOÇAMBIQUE E SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

MAPUTO, 20 DE MAIO DE 1987

Av. do Zimbabwe, 1586 — Caixa Postal, 1413 — Telex: 6-338 RDTL MO — Telefones: 74 28 69 e 74 39 57
MAPUTO — REPÚBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE

INDEX

i - Intervenção

ii - Notas

iii - Anexo:

- "Indonesia: The problems of the Post-Oil Boom Era", Ver artigo em Anexo;

- Statement by the Central Committee of FRETILIN on the "legislative elections" in Indonesia;

- Declaração da Conferência Católica dos EUA sobre Timor Leste, 31 de Março de 1987;

- "Indonesians Execute Timor War hero", THE AUSTRALIAN Wednesday, March 18, 1987, p.3;

- "East Timor's Tragedy", editorial de The Globe and Mail (Toronto, Canada), Friday, January 9, 1987.

Camaradas Ministros:

É esta a primeira vez que, em nome da direcção superior da FRETILIN, em nome do povo Maubere, e na minha qualidade de Secretário para Relações Internacionais & Informação, tenho o privilégio de estar presente e participar numa reunião ministerial dos "Cinco" quando se debruça sobre a questão de Timor Leste. A reunião que se realiza este ano em Maputo, capital de Moçambique, Pátria de Josina Machel, Mondlane, Samora, e de tantos outros heróis desta terra sagrada, não deixa de evocar um vazio em todos nós. Esse vazio profundo, sombrio, é a ausência física do nosso saudoso irmão, amigo fiel, Presidente Samora Moisés Machel. A sua presença física que impressionava, a sua voz que vibrava e fazia acordar os sonolentos, o seu olhar penetrante que escrutinava mentes, a sua memória fabulosa que desafiava os "megabites" de um computador, parecem estar em todo o lado, a todo o momento, embora a sua presença física seja invisível. Lembramos Samora não apenas o grande guerrilheiro, estratega militar, o homem de Estado; lembramos Samora o nosso querido amigo, o ser humano com um coração de ouro, que sentia e chorava as dores, os problemas, as dificuldades, do seu povo, de outros povos, do nosso povo. É esse Samora, o profundo humanista, que também perdemos. Lembramos o dia em que transmitimos ao Presidente Samora Machel a morte em combate do nosso saudoso Presidente Nicolau Lobato. Foi no dia 4 de Janeiro de 1979. Nicolau Lobato morreu heroicamente após 10 horas de duro combate contra uma força inimiga heliotransportada, numericamente superior, nas vésperas do final do ano 1978. Ao receber-nos no seu gabinete, Samora não escondia a sua emoção, a sua dor ao ser-lhe confirmada a morte de um companheiro de luta. Aqueles instantes ensinaram-nos sobre a grandeza humana de Samora Machel. Quando o poder não consegue retirar ao homem de Estado as qualidades humanas, os sentimentos de fraternidade para com outros homens, esse homem de Estado saberá viver os problemas, as aspirações, do seu povo - e saberá permanecer fiel aos seus ideais.

.../

Samora Machel terá sempre um lugar nos nossos corações, na nossa própria história. Será imortalizado não apenas com uma larga Avenida no Timor Leste livre; será imortalizado junto das gigantescas montanhas sagradas da nossa Terra; dos imbondeiros que ligam a terra ao céu.

oOo

O camarada Mari ALKATIRI, membro da direcção política da FRETILIN, Vice-Chefe da Delegação da FRETILIN em Serviço no Exterior (DFSE), chefe da nossa delegação a esta reunião ministerial dos Cinco, confiou-me a tarefa de apresentar, em síntese, um relatório. Faz parte também da delegação da FRETILIN aqui presente o camarada José Luís Guterres, Representante da FRETILIN em Maputo.

Começaríamos por analizar a problemática de Timor Leste no plano diplomático. No quadro das Nações Unidas, a questão vem sendo confiada ao SG, na sequência da Res.37/30 da AG. Daí o adiamento do debate sobre a questão desde 1983. Em 1982, a Res. 37/30 foi adoptada com uma margem de apenas 4 votos. Havia 50 votos negativos e 50 abstenções.

Perguntar-se-á: houve inércia da FRETILIN? Houve erros na condução da sua luta diplomática? Teve recursos humanos e materiais para desenvolver uma campanha diplomática mais activa e não soube explorar esses recursos? Como se explica que em 1975 a votação na AG era de 72 votos a favor e 11 contra, enquanto que em 1982 a resolução passou por uma "unha negra"? Será mais fácil, cómodo, simplista, dizer-se:"Os camaradas da FRETILIN andaram a dormir". Mas tentemos ir mais a fundo das questões.

Eu começaria por dizer que os interesses nacionais de cada Estado ditam ou, pelo menos, influenciam a sua política

.../

externa; esta tese não é fruto de pragmatismo sem princípios, de políticas mercantilistas oportunistas. Ela resulta das responsabilidades de quem dirige um Estado, de quem tem que velar, primeiro, pelos interesses, bem-estar, segurança, do seu povo, pela soberania nacional do seu território.

Apesar de que a propriedade de armas nucleares deixou de ser monopólio dos EUA e da URSS, o mundo não deixou de ser um mundo bi-polar, cujos destinos se jogam em dois pólos de poder, Washington e Moscovo. As duas superpotências, os EUA e a URSS, têm interesses nacionais, regionais e globais. Têm certas zonas de influência bem demarcadas e mutuamente respeitadas - as fronteiras surgidas dos acordos de Yalta: nenhum soldado Americano há-de morrer pela Polónia; nenhum soldado Soviético há-de morrer pela Nicarágua. Existem zonas chamadas de contestação que não afectam directamente os interesses estratégicos vitais de qualquer das superpotências. Nessas zonas, vemos as duas superpotências tentarem ganhar mais um palmo de influência sem pôr em perigo as suas relações globais.

Timor Leste é uma meia-ilha de 18.889 km2, com uma população de cerca de 700 Mil em 1975, hoje reduzida para pouco mais de 600 Mil. Com uma taxa de crescimento anual de 2%, em tempo de paz, a população de TL ultrapassaria hoje os 800 Mil. Embora sub-desenvolvida pelo colonialismo Português, a nossa meia-ilha era e é potencialmente rica; produtora de um café de alta qualidade e cotação no mercado internacional; copra; madeiras preciosas como o sândalo; era praticamente auto-suficiente em necessidades alimentares; eram e são conhecidas as suas grandes reservas de petróleo e gaz natural, quer no interior do país, quer nas suas águas territoriais, para não mencionarmos a sua ZEE, agora ponto de discórdia entre Canberra e Jakarta.

.../

Peço a atenção dos camaradas Ministros para o mapa da Ásia, particularmente da região da Ásia Oriental, desde o Japão, passando pelo Sudeste Asiático até o Pacífico Sul. Tentarei enquadrar TL no xadrês estratégico dessa região de forma a entender-se melhor a extrema dificuldade, a complexidade da nossa luta no plano diplomático.

Tópicos: Interesses Americanos; bases militares na região;
Interesses Soviéticos; bases ou facilidades militares Soviéticos na região;
A ASEAN; o problema da Indochina;
O conflito Sino-soviético;
Indonésia, China e URSS.

É neste gigantesco xadrês estratégico onde se jogam os interesses das duas grandes potências; os interesses regionais da China, Japão e Austrália; os interesses comerciais dos países da CEE e do Canada; em que se situa a nossa luta, isolada devido aos factores acima referidos, isolada pela geografia.

Quer isto dizer que a nossa luta é uma luta perdida? Não quisemos, de forma alguma, pintar um quadro negro esmagador que desanimasse os nossos melhores amigos. Quisemos simplesmente que compreendam a complexidade geoestratégica na nossa região para poderem melhor julgar as nossas actividades; melhor conjugarmos as nossas inteligências, parcos recursos, e tentar remar por entre as marés adversas.

Em 1975 o mundo estava cheio de ditaduras: umas mais ferozes, outras menos, umas mais caricatas, outras menos coloridas, desde o todo-poderoso Imperador Xa Reza Palevi da Pérsia ao ditad Samoza, desde o Imperador Jean Bedel Bokassa ao Field-Marshal Idi Amin Dada, desde Jean-Claude Duvalier a Ferdinand Marcos.

.../

As ditaduras têm-se desmoronado; os povos, esses que fazem a história, têm sobrevivido aos seus opressores.

A queda do regime de Ferdinand Marcos teve implicações imediatas na região e, particularmente, na Indonésia. A oposição, até então aterrorizada e silenciosa, começou a aprender a lição das Filipinas, onde uma movimentação popular, praticamente desarmada, fêz tombar o ditador Marcos. A crise interna na Indonésia já se arrastava desde há alguns três anos. Começou a ser visível com a chamada "Petição dos 50", uma carta aberta ao Presidente Suharto subscrita por 50 oficiais superiores na reserva, alguns no activo, professores, figuras religiosas, intelectuais. Entre os signatários contava-se o Gen. Dharsono, um dos heróis da guerra de libertação da Indonésia, antigo Secretário-Geral da ASEAN, figura respeitada nos círculos dirigentes de toda a região, Europa e Washington. O Gen. Dharsono foi acusado também de incitação à violência por ter participado numa simples reunião de discussão após os sangrentos incidentes de Tanju Priok em que morreram dezenas de activistas Muçulmanos. Julgado em Tribunal, Dharsono foi condenado a 10 anos de prisão. Sinal de força e estabilidade do regime? Ou sinal de erosão do regime, dentro do próprio sistema, descendo até as bases?

Observadores atentos da evolução política na Indonésia são de opinião de que se avizinha o fim do reinado do Gen. Suharto. O chamado "oil boom" dos anos '70 serviu apenas para enriquecer uma casta de militares e, sobretudo, a classe dos velhos generais associados a intermediários Chineses, uma não insignificante classe média surgida desse período de bonanza. Esses eram os pilares do regime. A corrupção minou a economia do país e a crise tornou-se visível ao povo com a dramática descida do preço do petróleo. Segundo o diário Australiano Sydney Morning Herald, a revista FEER e inúmeros outros estudos posteriores, a família Suharto amassou uma fortuna estimada entre 2 biliões

.../

à 3 biliões de dólares Americanos. Com o fim do período do "oil boom", a redução de gastos públicos, o cancelamento de centenas de projectos de desenvolvimento, a drástica redução de importações, retirou ao regime um dos seus pilares, a classe média. O regime está assim cada vez mais isolado; o Presidente torna-se cada vez um homem mais só. Daí que rumores sobre a sua sucessão fervilham na capital Indonésia, Tokyo, Canberra e Washington.

Segundo a revista Insight, uma publicação do jornal Washington Times, propriedade do notório Rev. Moon, muito ligado ao Heritage Foundation, um think-tank que se situa à direita do próprio Presidente Ronald Reagan, o Departamento de Estado está preocupado com a evolução da situação na Indonésia - e com a falta de uma clara estratégia de sucessão. A mesma revista revelava que duas questões preocupavam o regime do Gen. Suharto - a guerrilha em Timor Leste "onde as forças do movimento de esquerda FRETILIN tem amachucado as forças Indonésias" (sic) e a situação na Nova Guiné Ocidental onde uma guerrilha contra Jakarta se arrasta há 15 anos.

Observadores atentos apresentam o seguinte cenário: a) O Gen. Suharto será reeleito para um quinto mandato de cinco anos em 1988; b) cumprirá apenas três anos; c) entretanto, a diplomacia Indonésia está a movimentar-se para que a Indonésia venha a assumir a Presidência do MNA em 198 ; d) Durante esse período, Suharto terá atingido a glória e um lugar na história: deixaria o poder quando também terminasse o seu mandato como Presidente do MNA; e) Um grupo de oficiais superiores da geração dos '50 e '60, treinados em Academias Americanas e Inglesas assumiriam o poder, talvez com maior participação civil.

No entanto, o Prof. Peter Carey, Director do Centro de Estudos

.../

Asiáticos da St. Antony's College na Oxford, prevê um desfecho mais sangrento num artigo para o Euro-Asia Business Review[iii].

Para Peter Carey e vários outros especialistas da Indonésia, a natureza opressiva do regime, o qual se instaurou sobre mais de meio milhão a milhão e meio de mortes em 1965/1966, a ausência de um sistema de sucessão legítima, institucionalizada, mesmo que não necessariamente democrática, vai causar o caos que desembocará em violência generalizada.

Em Timor Leste, custe embora a muita gente acreditar - até alguns amigos nossos duvidam da existência de uma Organização activa, bem implantada entre as massas, com uma força armada regular já veterana, com uma rede clandestina extremamente hábil que tem sabido iludir uma das forças de segurança mais numerosa e bem organizada do Terceiro Mundo - a resistência prossegue. As informações sobre a resistência não provêm apenas da FRETILIN; provêm da Igreja Católica de Timor Leste; estudantes Leste Timores em Dili e em várias cidades Indonésias; mais recentemente de um Correspondente da BBC que esteve em TL durante a farça eleitoral orquestrada pela Indonésia. Por outro lado, é certo que a FRETILIN, dada a falta de apoio militar externo, não é capaz de infligir uma derrota militar sobre o Exército invasor. Temos a consciência desse facto. Por outro lado, será necessário lembrar que poucas ou nenhumas foram as guerrilhas que conseguiram derrotar o poder estabelecido só pela via das armas. O próprio Vietname que recebia apoio militar colossal da URRSS e da China, venceu a guerra porque soube ganhar a opinião pública Americana e mundial, soube minar o eleitorado Americano que, no início, via a intervenção Americana no Vietname como uma espécie de Cruzadas do Séc. XX. Não tenhamos dúvidas de que se não fosse a habilidade diplomática dos camaradas Vietnamitas em mobilizar a opinião pública internacional, Nixon e Kissinger teriam

.../

reduzido a Indochina a cinzas.

Daí que a DFSE, apesar dos parcos recursos financeiros e humanos ao seu dispôr, procurou, desde 1974, criar comités de solidariedade em vários cantos do mundo: existem na Austrália diversos grupos de apoio, de mais variadas tendências, em todas as cidades Australianas; esses comités têm contribuído decisivamente para que a questão de TL continue a ser um ponto de fricção nas relações entre a Austrália e a Indonésia; através de donativos públicos, temos mantido Representações da FRETILIN em Darwin, cidade Nortenha, com um Representante, um Porta-voz de Imprensa, e uma Porta-voz da Organização Popular de Mulheres Timores; mantemos activistas da FRETILIN em Sydney e Melbourne, todos dependentes de donativos públicos. A operação de Rádio, instalada ilegalmente na Austrália, está sob a responsabilidade técnica de camaradas Australianos, mas sob a orientação política do Representante da FRETILIN em Darwin; essa operação tem implicado em dispêndio financeiro da ordem de milhares de dólares mensais: viaturas, combustível, sobressalentes para as viaturas, subsistência de seis elementos que se ocupam da operação, desde a contínua mobilidade do receptor-transmissor para iludir a constante perseguição por parte da Polícia Australiana, à recepção das informações, o seu tratamento, descodificação e envio para os canais apropriados da DFSE. Tudo isso tem sido possível, graças a esforços aturados da parte da DFSE em organizar, em condições financeiras e logísticas muito precárias, bases de apoio na Austrália.

Existem comités de apoio na Nova Zelândia, Samoa e Fiji. No Japão realizou-se recentemente uma Conferência Regional sobre Timor Leste com a participação do ex-Bispo de TL, Dom Martinho da Costa Lopes, e a porta-voz da FRETILIN em Darwin, Mimi FERREIRA; existem condições para que o movimento de solidariedade se expanda no Japão. Comités de solidariedade

.../

diversas tendências existem na França, Bélgica, Holanda, Áustria, Suíça, Dinamarca, Suécia, Inglaterra, Espanha, Canada, RFA, EUA, Grécia. Em fins de Maio de 1986, o Parlamento Sueco debatia a questão da venda de armas Suecas à Indonésia. Fui convidado, nessa ocasião a visitar a Suécia. Durante a minha curta estadia em Estocolmo e nas semanas seguintes, no período de dois meses, o MNE Sueco registou a publicação de 200 artigos sobre TL na Imprensa Sueca, sem contar os inúmeros spots na Rádio e TV. De várias semanas a esta parte, a questão de Timor Leste têm sido debatida no Parlamento Sueco em fins de 4/86, A quando da visita do Presidente Ronald Reagan a Bali, a caminho do Japão onde se realizava a Cimeira Económica dos Países Industrializados, conseguimos mobilizar 147 Congressistas e Senadores que subscreveram uma carta ao Presidente Reagan, intimando-o a levantar a questão de TL com o seu homólogo Indonésio. Segundo o jornal Washington Post, o governo Indonésio havia contratado a maior firma de Relações Públicas Americana, ao custo de $600 Mil para tornar a visita do Presidente Reagan um êxito de Relações Públicas. No entanto, segundo o próprio jornal, a visita do Presidente Reagan transformou-se no maior fiasco de Relações Públicas que se podia imaginar. A Imprensa Americana, desde o New York Times e Washington Post a outros jornais dos mais diversos Estados, dedicou artigos e editoriais à questão de TL.

Temos conseguido mobilizar a poderosa Conferência Católica Americana, incluindo o influente Cardeal de NY, James O'Connor; a Conferência Episcopal Portuguesa; a Conferência dos Bispos Católicos Brasileiros (CNBB); a Conferência dos Bispos Católicos da Indonésia; a Conferência Cristã da Ásia que engloba mais de 100 denominações protestantes da região Ásia-Pacífico.

O crescendo da solidariedade internacional é encorajador e contrasta com o desinteresse, a indiferença, a hipocrisia, dos Estados. Não são apenas a França, a Inglaterra, a RFA; não são

.../

apenas os EUA, os cúlpritos no conluio com o regime militar Indonésio. Os camaradas saberão melhor do que nós que o tão propalado "internacionalismo militante" da URSS e dos seus aliados do Pacto de Varsóvia não se aplica a todas as lutas anti-coloniais; ela é aplicada em proporção directa aos intersses regionais e globais Soviéticos. Daí que os países do Leste, a partir de 1978 e 1979 deixaram de votar com as sucessivas resoluções sobre Timor Leste; daí se explica que uma delegação da Polónia esteve presente em Dili, capital da nossa Pátria ocupada, no decorrer das cerimónias marcando o 10º Aniversário da ocupação Indonésia. Não foi porque a FRETILIN é pro-China; não foi porque a FRETILIN não tem feito esforços no sentido de explicar aos representantes do Leste e da URSS todo o historial da nossa questão; não foi porque não têm informações como muitas vezes alegam; porquê será que a delegação Maubere presente no Festival da Juventude em 1985, em Moscovo, foi interdita de participar na parada inaugural?Porque o rei estava nú? Porque os nossos camaradas andavam de tanga? Os "camaradas" Soviéticos não queriam ferir as susceptibilidades de uma delegação de alto nível da Indonésia presente na tribuna de honra.
O saudoso Presidente Samora nunca se esquecia de Timor Leste em vários encontros com os seus homólogos. Levantou a questão de TL com Jimmy Carter em NY em 1977, assim como o fêz, pelo menos, por duas vezes, com o Secretário-Geral Breznev. Samora Machel, diplomata lúcido, estudioso da questão de TL e o seu enquandramanto na geopolítica da região, chegou à conclusão que Moscovo receava um confronto com os Americanos numa zona de influência Americana, entre outras considerações já apontadas. Esperemos apenas que o Embaixador Soviético em Jakarta não venha a ser o único Embaixador a felicitar o Presidente Suharto, em vésperas da sua fuga, como aconteceu com Ferdinand Marcos.

Tentamos, ao longo dessa intervenção, sintetizar as múltiplas questões relacionadas com a nossa luta. Falta-nos abordar os

.../

nossos próprios erros, a nossa inexperiência, e certa indolência.

Até 1982, a DFSE foi viciada por conflitos internos, conflitos esses resultantes, sobretudo, de "radicalismo académico" de alguns, espontaneidade de outros, lutas estéreis e absurdas por um poder que estava ainda a anos-luz das nossas mãos. Quem advogasse moderação, a via de reconciliação com outras forças nacionalistas,embora conservadoras, mas nem por isso menos nacionalistas, era acusado de "capitulacionismo", "traição", etc. O período mais grave da DFSE coincidiu com a maior crise político-militar dentro do País, que se arrastou desde 1977 a 1981, ano em que, sob a direcção do Comandante-em-chefe, camarada Xanana GUSMÃO, foi encetada uma nova estratégia de luta que se assentava na Unidade Nacional, na reconciliação com a UDT e com todos os outros elementos que, após os primeiros anos de ilusão com o poder ocupante, reconheceram os seus erros e desejavam juntar-se à Resistência. Procurou-se o diálogo, a via de negociações, com o inimigo, política essa ainda hoje em implementação.

No entanto, para se chegar ao período de sensatez política esgotaram-se energias, atenções, feriu-se a imagem da FRETILIN. Não houve coragem para se tomarem medidas adequadas para corrigir os erros. Foi preciso que alguém tivesse cometido uma série de atropelos, acções criminosas, incluindo tentativa de homicídio e roubo, para que o resto da direcção, no exterior, assumisse a responsabilidade que lhe havia sido confiada pelo CC em 1975.

A nossa política de Unidade Nacional é necessitada pelo simples facto de que Timor Leste não é um País livre, soberano; é um País militarmente ocupado e há um inimigo comum, claramente identificado por todo o povo. As diferenças de ordem doutrinária, essas poderão ser discutidas na confraria de cidadãos de um País finalmente liberto.

.../

Ao sintetizar, na primeira parte desta intervenção, a complexidade geopolítica em que se enquadra ou se encalhou a questão de TL, não foi nossa intenção atribuirmos a elementos sobre-naturais os recuos sofridos pela FRETILIN no plano diplomático; ao abordar muito sucintamente o quadro sombrio dos nossos próprios erros, não o fizemos como um mea-culpa religioso ou masoquístico. Com os camaradas dirigentes e quadros superiores dos Cinco aprendemos inúmeras lições, lições de valor incalculável, que nos amadureceu, enriqueceu. Uma das lições que aprendemos é a franqueza na colocação de problemas, no diálogo, no debate.

Tendo dito isto, quero trazer à lume outras questões que contribuíram para a erosão do apoio à questão de TL nas NU e no MNA. Desde a primeira hora em que o nosso País foi agredido pelas forças armadas Indonésias, encontramos em Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe verdadeiros santuários moral, diplomático e material. Os Chefes de Estado, os MNE e outros altos dirigentes dos Cinco, proclamaram a solidariedade militante, activa, para com TL. Com a institucionalização das reuniões anuais dos Cinco, a FRETILIN foi convidada a participar como "observadora" e tem-nos sido possível apresentar relatórios sobre toda a problemática de TL. A institucionalização das reuniões anuais dos Cinco visava, julgamos nós, uma maior coordenação de actividades, de consultas, troca de informações, em vários domínios, incluindo a nível das NU.

.../

Foi com regozijo, entusiasmo, que vimos o grupo dos Cinco ganhar corpo nas NU. Os Cinco não constituem uma superpotência; os Cinco não terão a dimensão diplomática, económica e militar que o outro grupo dos Cinco, o chamado Grupo de Contacto para a Namíbia. Mas acreditávamos - e acreditamos - que os recursos diplomáticos dos Cinco, devidamente coordenados, alargariam a sua esfera de contactos e de influência. Não acreditamos que só a grandeza de um País, o seu PNB, a sua força bruta, pode resultar numa diplomacia eficaz. Alguns dos mais pequenos países da Europa, exemplo mais notável é a Áustria, exerceram e exercem influências desproporcionais com o seu poderio militar ou económico. Daí que acreditamos que o cumprimento rigoroso das orientações gerais traçadas pelos Chefes de Estado e MNEs dos Cinco, no domínio diplomático, sobretudo no que toca à diplomacia multilateral, poderá resultar em maior expansão de contactos e influência dos Cinco e, como corolário, em benefício da nossa própria causa.

As reuniões sobre TL, solicitadas por mim, geralmente se realizavam; algumas vezes com a presença de todos; outras vezes um ou outro não aparecia por uma razão ou outra. Eu apresentava um plano de acção; assinalava as áreas em que julgava que os Cinco poderiam intervir, e ao fazer o balanço final, chegava à conclusão que só uma ou duas delegações assumiram a tarefa atribuída. No decurso do ano, quando se projectava uma acção, tinha a preocupação em informar os Cinco com a devida antecedência de semanas e meses. No entanto, às vezes para espanto meu, algum se queixava que o "camarada Ramos-Horta devía-nos contactar com mais antecedência". Mas se observássemos os documentos apresentados aos Cinco, as datas dos mesmos contrariavam aquela observação.

.../

Nós compreendemos que os Cinco têm os seus próprios interesses nacionais por velar; Timor Leste se situa nos confins do Índico; a nossa luta não pode constituir para os Cinco uma questão de interesse nacional como foi a luta no Zimbabwe para Moçambique; como é a luta na Namíbia para Angola; como é a questão de Sahara Ocidental para a Argélia. Os camaradas assumiram a nossa luta por uma questão de princípio; assumiram-na incondicionalmente com a nobreza de princípios que nortearam as lutas vitoriosas contra o colonialismo Português. Estamos mil vezes mais gratos precisamente pela constatação desse facto; as poucas vitórias diplomáticas alcançadas pela FRETILIN devemo-las, em grande parte, ao vosso apoio; a nossa presença física nas NU, com direito de circular nos corredores das Nações Unidas, de fazer uso da palavra, de ser recebidos pelos funcionários superiores do Secretariado das NU, devemo-lo aos camaradas. As nossas observações críticas são feitas apenas porque acreditamos que os Cinco, no seu próprio interesse, ainda possuem uma vasta área por explorar; os Cinco, a nível das NU, terão que estudar minuciosamente as formas e os meios de mais fazerem sentir a sua presença. A diversidade geográfica com a consequente diversificação de relações, orientada para as respectivas regiões, constitui um elemento positivo a ser explorado; os diferentes níveis de relações com outros países do mundo mantidos por cada um dos Cinco, também só constituem mais uma vantagem a ser explorada pelos Cinco.

Não pretendemos dar uma lição aos Cinco que, afinal, tem pelo menos 20 anos de experiência a mais que qualquer um de nós. Mas perdõe-nos a temeridade pois sabemos que nós só

.../

teremos a ganhar com cada vitória vossa. Observámos com ansiedade as situações de guerra nos países irmãos de Angola e Moçambique, fomentadas pelo regime minoritário da RAS; cada vitória das FAPLAS contra os bandos armados em Angola constitui para nós motivo de alegria; as vitórias bem visíveis alcançadas pelas Forças Armadas de Moçambique contra o terrorismo orquestrado pelos serviços de segurança Sul-Africanos têm sido festejadas por nós; é com alegria que hoje verificamos que o inimigo do povo Moçambicano está desarticulado no Centro e Norte do País; festejámos as vitórias alcançadas em Inhambane e Gaza, hoje voltadas à normalidade. Por outro lado, os avanços no campo diplomático, também os festejámos. É nesse espírito que julgámos oportuno registar algumas observações críticas. É bem possível que, afinal, as nossas observações não tenham fundamento; os camaradas saberão fazer juízo com base nas vossas próprias constatações.

Nos últimos meses, os três principais órgãos de soberania Portugueses - a Presidência da República, a Assembleia da República e o Executivo - têm assumido posições mais claras, de maior firmeza, na defesa dos direitos do povo Maubere à auto-determinação e independência. As já inúmeras declarações feitas pelo Chefe de Estado Português, o dr. Mário Soares, em diversas ocasiões, quer em Portugal, quer no estrangeiro, reflectem, sem dúvida, o ganhar de consciência, coragem e confiança de que a justiça, a moral e o direito estão do lado de Portugal e do povo de Timor Leste. O Primeiro Ministro Cavaco e Silva assumiu idênticas posições em diversas ocasiões,

a mais recente das quais foi durante a sua visita à Tailândia. A visita do Presidente da Grécia a Portugal em fins de Abril passado foi de novo utilizada pelo Presidente Mário Soares, ~~PM Cavaco e Silva~~ para com clareza e firmeza condenar a ocupação de TL pela Indonésia.
Ao longo de vários anos, em inúmeros encontros com governantes Portugueses, tentámos chamar a atenção dos mesmos para o seguinte: a) no quadro da justiça, do direito e da moral, a posição Portuguesa em relação a TL é sólida; b) no quadro do realpolitik Portugal não tem quaisquer relações comerciais com a Indonésia; as suas relações com outros países da ASEAN são negligíveis; mesmo que houvesse relações substanciais com um ou outro membro da ASEAN, nenhum dos quatro, para além da Indonésia, tem a questão de TL inscrita na sua agenda como uma questão nacional; a sua solidariedade com a Indonésia regista-se apenas na votação nas NU e não iria para além disso; c) embora Portugal seja um parceiro menos favorecido da NATO e da CEE, a sua posição estratégica no extremo Ocidental da Europa confere-lhe um lugar invejável no quadro da NATO; a guerra dos seis dias teria tido um outro desfecho se Portugal tivesse negado o uso das Lajes para o "air lift" Americano; no contexto da planificação logística e estratégica da NATO, no quadro do Rapid Deployment Forces, Portugal é indispensável; a sua localização estratégica é impagável; daí que o então jovem Presidente Americano John Kennedy recuou perante as ameaças do velho contabilista ditador Salazar no diferendo sobre Angola em 1961; d) Será pedir demais, será irrealista, pedir aos políticos e gover-

.../

nantes Portugueses tentarem equacionar todos esses elementos e extrair condições vantajosas para Portugal - no próprio interesse objectivo nacional - e para TL? Será demais exigir que os EUA observassem uma rigorosa neutralidade no diferendo entre Portugal e a Indonésia no que toca a TL? Voltamos aqui ao ponto anteriormente abordado: mesmo os países pequenos poderão ganhar maior influência desde que saibam prosseguir uma diplomacia activa, hábil, astuta, nesse gigantesco xadrêz diplomático internacional.

Acreditamos que a actual direcção política Portuguesa chegou a algumas conclusões. Registámos e estudámos cuidadosamente as palavras do Presidente Mário Soares e do PM Cavaco e Silva. Elas parecem reflectir uma nova constatação da digninade nacional Portuguesa, das responsabilidades históricas e morais de Portugal, das suas possibilidades de exercer pressão sobre a Indonésia no quadro da CEE e da NATO.

Julgámos pois oportuno que entre os Cinco e Portugal haja mais consultas, concertação de esforços e iniciativas, com vista a relançar-se a questão de TL nas NU e no MNA. A oportunidade está aqui. Apelamos aos camaradas para que nos ajudem a aproveitar essa oportunidade. Sugerimos que se iniciem preparativos para uma reunião dos MNEs dos Cinco com Portugal; esforços devem ser encetados para a participação Brasileira, ao mesmo nível; essa reunião Ministerial

.../

deveria ser precedida de consultas e reuniões a nível de Embaixadores acreditados em Lisboa e Nações Unidas. Uma reunião Ministerial dos Sete sobre a questão de TL, só ela em si, teria impacto imediato na opinião pública internacional, na percepçãopor parte de outros Estados do problema de TL. As condições nunca foram tão propícias: a opinião pública internacional tem aumentado consideravelmente como referimos atrás; o Congresso Americano, o Parlamento Europeu, Igrejas de mais variadas denominações pelo mundo fora, têm erguido a sua voz de preocupação e solidariedade para com o drama do povo de TL. Camaradas Ministros, aproveitemos esta oportunidade. Ajudem-nos. Pedimos acção imediata. Pedimos que ainda no decurso dessa reunião dos Cinco saia uma decisão sobre a nossa proposta.

A Indonésia nunca esteve em situação tão vulnerável; por um lado, a crise económica; por outro, avizinha-se o fim do reinado do Presidente Suharto com implicações imprevisíveis; a ambição do Presidente Suharto em assumir a Presidência do MNA em 1989 e o pânico que reina no MNE em Jakarta sobre a possibilidade de uma nova frustração. Estamos pois em posição de ganhar uma batalha nos próximos meses se os camaradas nos emprestarem o vosso apoio, a vossa experiência, os vossos contactos, as vossas influências; se os camaradas tomarem uma decisão neste momento no sentido de realizar-se uma reunião dos Sete Países de Expressão Oficial Portuguesa sobre a questão de TL.

Notas

i - David Jenkins, "After Marcos, now for the Soeharto Billions", in The Sydney Morning Herald, Thursday, April 10, pp 1 and 7.

ii - "A Monopoly is forever : A US Report examines the business role of the Suharto family", in FAREASTERN ECONOMIC REVIEW, 26 Feb '87, p. 57.

iii - Peter Carey (Dr.), Executive Director of the Asian Studies Centre at St. Antony's College, Oxford, in "Indonesia: The Problems of the Post-Oil Boom Area", EURO-ASIA BUSINESS REVIEW, Vol. 6, Nº 1, Jan. '87, pp 4-9. (Ver artigo em Anexo).

Ver também "Jakarta Buys Some Time", in SOUTH, Nº 75, January 1987, pp88-89.